

Considerações sobre a compreensão lingüística e cultural no ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras

Karina Corrêa Lelles¹
Henrique Miguel de Lima Silva²
Mauriene Silva de Freitas³

RESUMO: No presente artigo temos como objetivos compreender as relações entre língua e cultura e suas implicações na aprendizagem e na compreensão do espanhol como língua estrangeira por alunos brasileiros em imersão. Refletimos sobre como compreender que a cultura de uma língua estrangeira interfere na produção de sentidos e estruturas de uma língua e, conseqüentemente, na construção identitária do indivíduo, através da observação das diferenças e das semelhanças entre culturas. No presente artigo, também desenvolvemos a concepção do que significa compreender uma língua. Esperamos assim trazer contribuições para o contexto de ensino e aprendizagem línguas estrangeiras.

Palavras- Chaves: Aprendizagem; Língua Estrangeira; Cultura; Compreensão.

CONSIDERATIONS ABOUT THE LANGUAGE AND CULTURAL UNDERSTANDING IN TEACHING AND LEARNING FOREIGN LANGUAGE

ABSTRACT: In this article we have as objective to understand the relationships between language and culture and their implications in the learning and understanding of Spanish as a foreign language for students in immersion. We reflect on how to understand the culture of a foreign language interferes with the production of meaning and language structures and, consequently, identity construction of the human being, through observation of the differences and the similarities between cultures. In this article we also develop the conception of what means to "understand" a language. The objective is to contribute to the investigations context of teaching and learning of foreign languages.

Keywords: Learning; Foreign Language; Culture; Understanding.

1. Introdução

Neste trabalho, pretendemos desenvolver algumas reflexões sobre a importância de se levar para a sala de aula do ensino de línguas estrangeiras o contexto cultural em que a língua aprendida é usada. Levantamos a hipótese de que para dizer

¹ Graduada em Letras, Mestra em Ciências Cognitivas e Doutora em Linguística. Atualmente professora da Faculdade Internacional da Paraíba.

² Graduado em Letras Português, Inglês e suas literaturas pela UPE, Especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela FUNESO; Especialista em Psicopedagogia Institucional pelo CINTEP, Mestre e Doutorando Linguística pelo PROLING UFPB. Desenvolve pesquisas nas áreas de Psicolinguística; Sociolinguística e Teorias de Aprendizagem. Membro do Laboratório de Aquisição da Fala e da Escrita LAFE UFPB; Membro do Projeto Variação Linguística na Paraíba. VALPB UFPB e do Grupo de Estudos em Linguagem, Gênero e Trabalho GELIT UFPB. Atualmente é professor substituto na UEPB. Contato: henrique.miguel.91@gmail.com

³ Graduada em Letras, Mestra em Ciências Cognitivas e Doutora em Linguística. Atualmente professora da Faculdade Internacional da Paraíba.

que alguém compreende uma língua, deve-se haver a compreensão de como essa língua é usada nas infinitas situações comunicativas sociais. E para isso é necessário que o aprendiz também compreenda a cultura em que essa língua se manifesta. Não pretendemos aqui partir de um contexto específico de ensino, com base em análise de dados, mas levantar reflexões que partem de um exercício reflexivo sobre uma perspectiva teórica. O olhar sobre a prática está presente ao longo deste trabalho, mas não será trabalhado de forma metodológica. Experiências vividas e observadas serão usadas apenas como exemplos para embasar a construção das reflexões. Os autores que se encontram citados neste trabalho foram escolhidos por apresentarem uma perspectiva de que a língua é uma manifestação social que não pode ser dissociada do contexto cultural no qual se insere, como veremos ao longo do texto. Dentre esses teóricos se destacam Brown e Rodgers (2000), Chianca (1999), Hall (2000) e o filósofo Wittgenstein. Os mesmos se destacam pelo de fato de conceberem a língua como algo que se manifesta dentro do contexto das interações sociais humanas, como veremos ao longo do texto.

Inicialmente pretendemos destacar o que é cultura, como ela se relaciona com a língua e como ela se manifesta no indivíduo aprendiz. Em seguida, refletiremos sobre o que é compreender uma língua e alguns caminhos para se trabalhar e avaliar a compreensão em sala de aula.

2. Língua, Cultura, Identidade e Aprendizagem

É comum no estágio inicial da aprendizagem de uma língua estrangeira que o aprendiz busque na sua língua materna uma referência para construir o significado de um signo e dar sentido às novas estruturas gramaticais. De acordo com Brown e Rodgers (2000, p.177), nos estágios iniciais da aprendizagem de uma segunda língua, a língua nativa é o único sistema lingüístico sobre o qual o aprendiz possui conhecimento e pode extrair informações. Podemos observar que é recorrente nas aulas de ensino de línguas estrangeiras o professor se deparar com inúmeras situações onde os alunos apresentam dificuldade em assimilar certas palavras e determinadas estruturas gramaticais, principalmente, quando essas não possuem um referente na língua materna dos mesmos. Essas dificuldades parecem aumentar principalmente nas situações em que o educador apresenta aos alunos temas muito específicos da cultura estrangeira, pois neste momento não só novas palavras são introduzidas aos alunos, mas também um novo contexto cultural que apresenta diferentes costumes, crenças, hábitos, estrutura social, dentre outros inúmeros aspectos. Para Brown e Rodgers (2000, p. 124), “uma linguagem é parte de uma cultura e uma cultura é parte de uma língua (...). A aquisição de uma linguagem é também a aquisição de uma segunda cultura”. De acordo com Chianca (1999), ao entrar em contato com uma cultura estrangeira, a interação entre esta e a própria cultura leva uma redefinição da identidade materna e da sua própria identidade. Através dos procedimentos de relação entre a

cultura de origem e a cultura alvo é que uma reflexão sobre a identidade pode estabelecer-se na aula de língua

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que usamos a língua para representar o nosso mundo. E a forma como representamos o mundo é guiada pela nossa cultura. Podemos nos apoiar em Brown e Rodgers, *op. cit.*, para desenvolver esta concepção. De acordo com o autor, (p. 122), cultura é uma forma de vida, é o contexto onde nós existimos, pensamos, sentimos e nos relacionamos com os outros. Para Larson and Smalley (*apud* Brown e Rodgers, 2000, p. 122),

a cultura guia o comportamento das pessoas em uma comunidade e está incubada na vida familiar. Ela governa nosso comportamento em grupo, nos faz sensíveis para o estado das questões de estatuto, e nos ajuda a saber o que os outros esperam de nós e o que acontecerá se eu não satisfizer suas expectativas. A Cultura nos ajuda a saber o quanto longe podemos ir como indivíduos e qual é a nossa responsabilidade para com o grupo.

Sendo assim, podemos pensar que o que o indivíduo é, a forma como ele se identifica, é moldado pela cultura do seu país de origem.

De acordo com Hall (2000, p.47),

no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou gauleses ou indianos ou jamaicanos. Obviamente, ao fazer isso estamos falando de uma forma metafórica. Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial.

Usamos dizer a nossa nacionalidade como uma forma de nos identificarmos, de mostrarmos a outros indivíduos quem somos, que língua falamos, que crenças temos, qual a nossa forma ver o mundo, dentre outros inúmeros aspectos. Identificar a nacionalidade é, em parte, uma forma de o estrangeiro mostrar aos outros indivíduos de uma diferente cultura como se ele estrutura no mundo, quais formas de agir os outros podem esperar dele e quais são as expectativas que ele pode ter sobre a sua relação com os outros. Afinal, “a identidade nacional é uma identidade imaginada e as diferenças entre nações residem nas formas diferentes pelas quais são imaginadas” (ANDRESON *apud* HALL, 2000, p.51). Poderíamos até pensar que a utilização da nacionalidade como identificação, a princípio, seria uma maneira de o estrangeiro definir as diferenças que ele imagina existir entre ele e os indivíduos pertencentes à

cultura que ele está se inserido e se assegurar de que estas serão compreendidas e respeitadas. Isto pode ser explicado pelo fato de que

as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso*- um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, *sentidos* com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades (HALL, 2000, p. 50).

Quando um estrangeiro chega a outro país, ele geralmente traz consigo uma expectativa, uma imagem pré-concebida de como esta nação se estrutura, de como seus habitantes vivem, se relacionam, e uma imagem estabelecida sobre a sua identidade e a identidade do seu país de origem. Sabemos que a adaptação a uma nova cultura é um processo complexo que passa por várias etapas e que modifica tanto a visão que o indivíduo tem da cultura do seu país de origem quanto da nação estrangeira. Mas no estágio inicial da adaptação, é a cultura do país de origem que vai ser a principal guia do modo de ser do aprendiz. Quando um indivíduo aprende uma língua estrangeira também ocorre um processo parecido de identificação e desconstrução de identidades. A segunda cultura, neste estágio primário da aprendizagem, é um novo mundo que se apresenta para ele e, sendo a língua uma forma de representação deste mundo, ela será constituída de muitas palavras, expressões e estruturas possivelmente desconhecidas pelo aprendiz até então.

De acordo com Brown e Rodgers (2000, p. 128), a língua, que é o meio que as pessoas de um país utilizam para se comunicar, é uma das principais características de uma cultura. Com base nesta colocação, podemos pensar que para compreendermos uma língua estrangeira também se torna necessário compreendermos o mundo que ela expressa. Sendo assim, propomos a idéia de que para que os aprendizes consigam ter acesso ao significado de signos que para eles eram até então desconhecidos, seria necessário que eles fossem inseridos, dentro do contexto da sala de aula, na cultura à que esta língua pertence. Em outras palavras, o aprendiz deveria compreender como a cultura se estrutura, como seus habitantes vivem, se comunicam, pensam, sentem, se relacionam para compreenderem a linguagem que está expressando este mundo.

Brown e Rodgers (2000, p. 123) nos chama a atenção para o fato de que

(...) nós temos a tendência de perceber a realidade estritamente no contexto da nossa própria cultura; está é uma realidade que nós “criamos”, não necessariamente uma realidade objetiva, se é, aliás, que existe algum tipo de objetividade neste ultimo senso.

De acordo com Condon (*apud* Hall, 2000, p. 123),

o universo significativo em que cada ser humano existe não é uma realidade universal, mas uma “categoria de realidade” que consiste de recursos seletivamente organizados consideradas significantes pela sociedade na qual ele vive.

Sendo assim, podemos pensar que inserir o aprendiz numa nova cultura e fazê-lo compreender a mesma, inicialmente, não é uma tarefa simples, pois o mesmo possui uma forma de ver o mundo já estruturado pela cultura do seu país de origem. Inclusive, de acordo com Brown e Rodgers (2000, p.128), a visão de mundo de uma pessoa, a identidade própria, e sistemas de pensamento, ações, sentimentos e comunicação podem ser perturbados pela mudança de uma cultura para outra. Conseqüentemente, compreender a linguagem que é usada entre os indivíduos para comunicar este mundo também pode ser algo complexo e até mesmo confuso. De acordo com Brown e Rodgers (2000, p. 123), “o que parece para você ser uma percepção exata e objetiva de uma pessoa, um costume, uma idéia, é, às vezes, desinteressante ou artificial na visão de uma pessoa de outra cultura”.

Desta forma, devemos sempre levar em consideração que cada cultura tem uma forma diferente e própria de perceber o mundo. É importante termos em mente que muitos dos nossos hábitos e costumes podem ser totalmente desconhecidos e diferentes para indivíduos pertencentes a outras culturas. Conseqüentemente, não podemos esperar que a linguagem dos mesmos possua palavras que representem estes hábitos e costumes que são inexistentes para eles. E devemos pensar que muitas palavras que achamos ter o mesmo significado para ambas as culturas podem, em diferentes contextos de uso de uma cultura específica, adquirir outro sentido.

Se aprender uma linguagem também é aprender uma segunda cultura, ensinar uma segunda língua também é ensinar uma nova cultura. Ensinar uma segunda língua não é significa apenas expor aos alunos estruturas gramaticais e palavras e pedir que estas sejam memorizadas, método, inclusive, muito utilizado em cursos de ensino línguas estrangeiras em geral. Pensamos que um indivíduo pode se tornar mais capaz de compreender e assimilar uma palavra se ele tiver uma referência do que ela representa. Desta forma, acreditamos que o professor estará contribuindo para que o aluno compreenda mais facilmente a segunda cultura e conseqüentemente a linguagem que faz parte da mesma.

Tão importante quanto ensinar a tradução de uma palavra ou de uma expressão para o aluno, é ensinar como essa palavra ou expressão é usada dentro dos diversos contextos daquela linguagem. Para isso, é necessário que consideremos a sala de aula como um espaço sócio- interativo, onde cada aluno é sujeito ativo, criativo e capaz de produzir sentido e significados para suas ações verbais e não verbais, e cabe ao professor saber promover essa construção. Ou seja, o aluno deve ser capaz de

produzir sentidos para aquela linguagem que ele está aprendendo. Repetir estruturas e decorar significados de palavras não significa compreender uma língua.

3. Compreender uma língua: compreender uma cultura

Como foi dito anteriormente, neste trabalho levantamos a hipótese de que para que um indivíduo compreenda uma linguagem é necessário que ele compreenda uma cultura. Sendo assim, acreditamos ser necessário nesta pesquisa desenvolvermos o conceito da palavra compreensão. Para isso, pretendemos usar a concepção do filósofo Ludwig Wittgenstein. Para ele, compreender uma linguagem é saber usá-la dentro dos mais variados contextos lingüísticos e extralingüísticos. No § 17 das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein (1975,) apresenta a seguinte reflexão: “O que designam pois as palavras dessa linguagem? - O que elas designam, como posso mostrar isso, a não ser na maneira do seu uso?”. Para Wittgenstein, o significado de uma palavra apenas pode ser explicado através do seu uso na linguagem, pois ele vai variar de acordo com o contexto em que o signo está empregado. Ou seja, para ele, compreender um signo é compreender o seu uso. Mais especificamente, para o filósofo, o significado de uma palavra vai ser determinado dentro do jogo de linguagem que ele se encontra. “Jogo de linguagem” é um termo utilizado pelo filósofo “para salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (§ 23). E ele nos apresenta a multiplicidade dos jogos de linguagem (§ 23): “Comandar e agir segundo comandos, (...), inventar uma história; ler, representar um teatro, cantar uma cantiga de roda, resolver enigmas; contar, traduzir de uma língua para outra”, dentre inúmeros outros.

Tendo como base as reflexões de Wittgenstein, poderíamos reafirmar que é importante que o professor ensine aos aprendizes as regras de uso das palavras de uma segunda língua. Mostrar apenas o significado de uma palavra que está fixo no dicionário não ensina o aluno as diferentes funções que esta mesma palavra pode assumir em diferentes contextos. E estes contextos fazem parte da cultura que a língua estrangeira representa.

Outra questão que achamos importante expor e desenvolver brevemente aqui, abrindo espaço para futuras reflexões, é em relação ao critério do professor para saber avaliar se o aluno realmente compreende um signo lingüístico. De acordo com Wittgenstein, podemos ter acesso à compreensão do outro através da observação do uso que ele faz daquela palavra. Para o filósofo, a gramática da palavra “saber”, está claro, é estreitamente aparentada com a da palavra “poder”, “ser capaz de”. Mas também estreitamente aparentada com a da palavra “compreender” (WITTGENSTEIN, § 150). Ou seja, para sabermos se um aluno compreende os signos de uma língua estrangeira, devemos observar como ele os aplica nos diversos contextos de uso de linguagem. Se ele tiver a **capacidade de usar** corretamente estes signos, então podemos dizer que ele os compreende. Muitos cursos de línguas estrangeiras utilizam

como critério de avaliação da aprendizagem exercícios em que os alunos devem formar sentenças com estruturas gramaticais e palavras específicas, depois dessas terem sido ensinadas por métodos de memorização. É possível observar que frequentemente os alunos conseguem usar corretamente palavras e estruturas gramaticais nesses exercícios aplicados, mas não obtêm êxito quando é necessário utilizar os mesmos em outros contextos. Ou seja, memorizar não é o mesmo que compreender ou aprender. Sendo assim, é necessário refletirmos sobre o que significa **compreender** uma língua e quais critérios devem ser adotados para que realmente seja possível avaliar a compreensão dos aprendizes. O aluno deve ser capaz de produzir e encontrar sentidos nas atividades feitas em sala de aula. A língua que está sendo aprendida deve estar viva e presente nas relações e práticas estabelecidas na sala de aula. Compreender a cultura da língua estrangeira pode permitir que isso ocorra. Não pretendemos neste trabalho elaborar métodos ou julgar os existentes. Apenas pretendemos trazer algumas implicações que pudessem contribuir de alguma forma com o processo de ensino e aprendizagem de língua estrangeira

Considerações finais

Neste artigo, procuramos ver as relações entre cultura e língua e suas implicações na aprendizagem e na compreensão de uma língua estrangeira. Refletimos sobre como compreender a cultura de uma língua estrangeira é essencial para a produção de sentidos e significados semânticos e estruturais de uma língua, assim como para se desenvolver uma consciência sobre si mesmo como indivíduo através da observação das diferenças. Também refletimos sobre o que é compreender uma língua e como produzir sentidos com base no conhecimento cultural da língua estrangeira produz um conhecimento mais autêntico e significativo de uma língua. Esperamos assim trazer alguma contribuição para o contexto de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BROWN E RODGERS, J. D.; RODGERS, T. **Doing second language research**. Oxford: Oxford, 2000.
- CHIANKA, Rosalina Maria Sales. **Interagir em língua estrangeira: um processo sócio-cultural**. Tradução: Elisa____; Ingrid Farias Fachine Oliveira; Sandra Helena Gurgel Dantas de Medeiros. In: MOARA. Belém: Editora Universitária/UFPA, n.11,p. 1-164, jan./jun, 1999, p. 65-84.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP & A. 2000. 5ª Ed.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni, in: Os Pensadores, São Paulo, Abril: 1975.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso**: introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. (V. N. Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.

MEDEIROS, Sandra Helena Gurgel Dantas de. **Perspectiva intercultural e motivação à oralidade em francês língua estrangeira (FLE)**. 2010. 235f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, UFPB.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Trad. de Luis Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1979.

_____ **Philosophical Investigations**. 3° ed. Oxford: Blackwell, 1963.

_____ **The Blue Book**. Oxford: Basil Blackwell, 1969.

_____ **Philosophical Grammar**, Blackwell Publishers, Oxford, 1974.

_____ **Últimos escritos sobre Filosofia de la Psicología**, Tecnos, 1987.

_____ **Lectures and conversations on aesthetics, psychology and religious belief**, ed. Cyril Barret, Blackwell, 1978.

_____ **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1993.

_____ **Vermischte Bemerkungen/Culture and value**, ed. G. H. von wright e Heikki Nyman, Blackwell, 1980.

_____ **Ocasiones filosóficas**, Catedra, 1993.